

ENFRENTAMENTO AO BULLYING ENTRE ESTUDANTES NA ESCOLA BÁSICA

Cecília Cassol Dalmolin¹
Luana Maris Borri²
Solange Cristina da Silva³

RESUMO

O bullying entre estudantes é um dos comportamentos agressivos ainda muito presente na escola e traz consequências danosas para quem é vítima desse tipo de violência. Nesse sentido, é fundamental refletirmos sobre práticas de enfrentamento e superação do bullying na construção de saberes necessários para tecer uma forte rede de proteção para crianças e adolescentes no contexto escolar. Desta maneira, como resultado de um trabalho de conclusão de curso da primeira autora, foi realizado um estudo qualitativo por meio de uma revisão bibliográfica dos artigos científicos publicados no portal CAPES no período de 2019 a 2022. O objetivo desse estudo foi analisar a produção científica brasileira a respeito das práticas de intervenção, enfrentamento e superação do bullying entre estudantes na educação básica brasileira. O mesmo resultou, após aplicado os critérios de exclusão, em 16 artigos sobre enfrentamento ao bullying nas escolas básicas brasileiras. A partir desse estudo, concluiu-se que a sala de aula é considerada um contexto acolhedor e criativo para a sensibilização dos estudantes sobre bullying. Todavia a violência entre pares tenha fortes raízes sociais e, conseqüentemente exige uma análise mais complexa, verificou-se que as iniciativas encontradas denotam que a escola é um espaço possível de transformação e que o protagonismo dos estudantes parece ser um caminho para o enfrentamento desta violência.

Palavras-chave: Bullying, Educação básica, Enfrentamento, Revisão bibliográfica.

INTRODUÇÃO

A escola é, junto com a família, a instituição social que traz repercussões para a vida da criança, no sentido de atuar na sua formação, proporcionando condições e incentivo para seu desenvolvimento integral. Além de propiciar processos de ensino-aprendizagem de conteúdos programáticos ela é, também, protagonista na construção de saberes, de convivência e de socialização, sendo caracterizada pela sua forte atividade social (COLL et al. 2004, LISBOA, 2005).

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Santa Catarina, ceciliacassoldalmolin@gmail.com.

² Mestre em Educação pela Universidade da Região de Joinville - Univille, Psicóloga na Prefeitura Municipal de Araquari (SC), e-mail: luanamarisborri21@gmail.com.

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Santa Catarina, solange.silva@udesc.br.

A violência no espaço escolar é compreendida como um sintoma da violência social e tem sido caracterizada por diferentes autores, como um fenômeno multifacetado, que abrange uma variedade de manifestações, tais como comportamentos antissociais, delinquência, vandalismo, comportamentos de oposição, entre outros (SEIXAS, 2005, NETO,2005). Desta maneira, a violência transversaliza a educação na medida em que sua natureza interativa coloca espaços sociais – no caso o escolar - como centro de conflitos e confrontos emocionais (CRUZ, SANTOS, 2012).

Uma forma de violência que permeia os espaços escolares de forma invisível e silenciosa é aquela que acontece entre estudantes de maneira rotineira e sistemática. Conhecido internacionalmente como bullying, o termo é derivado do verbo “to bully”, que significa ameaçar, intimidar, tiranizar, amedrontar e é frequentemente encontrado na literatura para denominar comportamentos violentos intencionais e sistemáticos que ocorrem contra o outro, inclusive entre estudantes nos espaços escolares (FANTE,2005).

Dentro destas relações, todos os envolvidos - agressores, vítimas, vítimas-agressoras e testemunhas são afetados, todos os dias, de maneira invisível, silenciosa por este fenômeno (NETO, 2005; FANTE,2005). A indiferença e a tolerância social perante o bullying nas escolas aumenta a sua invisibilidade e somente mobiliza a sociedade em momentos que ele alcança níveis explícitos de violência como casos de ataque em escolas e suicídio (FANTE 2005).

Por consequência, seus efeitos podem ser sentidos ao longo da vida uma vez que a dinâmica desta violência influencia atitudes, comportamentos, autoconceito, autoimagem, além da forma de ver os outros e o mundo (LISBOA et al. 2009). Segundo Neto e Saavedra (2003) cerca de dois terços dos alunos que invadiram armados as suas respectivas escolas e atiraram sem alvo pré-determinado eram vítimas de algum tipo de violência no espaço escolar.

Conhecer as possibilidades e práticas de intervenção e enfrentamento ao bullying na educação básica brasileira nos anos seguintes às leis que as legitimam, contribuirá para construção de uma rede de proteção forte, confiável e assertiva para crianças e adolescentes.

METODOLOGIA

Para fins desse estudo foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, a partir de um levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos CAPES, com o objetivo de analisar

as publicações sobre práticas e propostas de enfrentamento ao bullying nas escolas de educação básica brasileiras no período de 2019 a 2022.

Para compor o acervo foi realizada uma busca no Portal de Periódicos CAPES com produções provenientes do sistema de Comunidade Acadêmica Federada – CAFE, disponível para a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Inicialmente foi realizada a construção de conjuntos de palavras-chaves de interesse a fim de delimitar a busca por artigos que abordassem o tema bullying entre estudantes na educação básica brasileira. Primeiramente, foram escolhidos 5 termos de buscas para referir-se ao bullying: bullying, intimidação sistemática, violência sistemática, violência entre pares, violência entre alunos. Os termos escolhidos estão pautados em leis e publicações científicas sobre o tema.

Para compor os descritores referentes a educação básica brasileira foram escolhidos os termos: educação básica, ensino básico, escola, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio – as três últimas contemplando suas três etapas. Os descritores foram formados combinando esses termos: Bullying AND Educação Básica; Bullying AND Ensino Básico; Bullying AND Escola; Bullying AND Educação Infantil; Bullying AND Ensino Fundamental; Bullying AND Ensino Médio; assim sucessivamente.

O cruzamento destes descritores gerou 30 conjuntos de palavras chaves que foram lançados no sistema de buscas avançadas do Portal CAPES, sem aspas, utilizando como critério de inclusão: artigos, em língua portuguesa, revisado por pares e publicados entre os anos de 2019 a 2022.

A decisão por não utilizar aspas nos descritores se deu na intenção de contemplar todos os artigos publicados que abordassem o tema da pesquisa. Isso porque o sistema de busca do Portal CAPES faz pesquisas conforme o descritor é digitado – quando o conjunto de palavras-chaves é digitado sem aspas, retornam todos os artigos, por meio de seus resumos, que possuem todas as palavras previamente selecionadas no corpo do texto, não necessariamente lado a lado. Quando utilizada a busca colocando os descritores entre aspas (exemplo: “violência sistemática”), retornam apenas artigos com os descritores na mesma ordem que gerou a busca. Desta forma, embora seja uma busca mais direcionada, o uso de aspas pode não contemplar todos os artigos que abordam o objeto desta pesquisa. Os critérios de inclusão utilizados na pesquisa foram: 1) Alinhado ao tema, 2) Acesso completo dos textos de forma on-line e free, 3) Ser artigo científico revisado por pares, 4) Estar no idioma português, 5) Se referir a realidade da educação básica brasileira. Já os critérios de exclusão considerados foram: 1) Não alinhado ao tema, 2) Não disponível

para acesso dos textos completos de forma on-line, free e em português, 3) Apresenta os descritores, mas está fora da temática da pesquisa, 4) Outros tipos de publicação como tese, TCC, Dissertação e Livros,

As buscas culminaram no total de 474 artigos. A partir deste cômputo, foi realizada uma primeira filtragem para identificar os duplicados, resultando na exclusão de 56,9% (n=269) dos artigos. Ao final desta etapa, foram contabilizados 204 artigos.

Em seguida foi realizada uma análise mais detalhada dos temas abordados nos artigos por meio da leitura dos seus resumos. Esta etapa teve como propósito a seleção aplicando os critérios de exclusão previamente estabelecidos. Esse processo foi necessário pois, embora alguns artigos possuíssem os conjuntos de descritores pesquisados, muitos deles abordavam temas mais abrangentes, que desviava da finalidade desta pesquisa.

Uma vez feita esta filtragem, 73% (n=149) dos artigos foram excluídos, resultando em 55 artigos para ser analisados na íntegra.

Para conhecer as propostas e as práticas de enfrentamento destes estudos, as 55 publicações que se mantiveram na primeira etapa passaram por uma análise mais detalhada sobre suas respectivas abordagens por meio da leitura dos seus resumos e, quando necessário dos artigos na íntegra culminando na catalogação das publicações conforme a centralidade do tema com suporte do programa de computador Microsoft Excel.

Nesta etapa, aproximadamente 15% (n=8) dos artigos foram excluídos da análise após aplicação dos critérios de exclusão previamente considerados. Dos 47 artigos mantidos, 34% (n=16) tinham como tema central propostas e/ou práticas de intervenção, enfrentamento e/ou superação ao bullying na educação básica brasileira, enquanto 66% (n=31) dos estudos apresentaram outras temáticas mencionando as propostas de intervenção e enfrentamento, de maneira pontual, geralmente na sessão discussão e/ou considerações finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na análise mostram que, embora não haja consenso na literatura brasileira, o termo bullying vem sendo amplamente utilizado para referir-se as manifestações de relações de violência entre estudantes, na medida em que a nomenclatura foi encontrada em nas 47 produções selecionados para análise na pesquisa.

Os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio foram os grupos mais abordados nos artigos, corroborando dados da literatura que indicam que nessa fase da vida costuma haver as maiores manifestações do bullying entre pares (OLWEUS, 2006).

As 16 publicações, que tinham o bullying como tema principal e contemplou propostas e práticas de intervenção, enfrentamento e /ou superação ao bullying entre estudantes nas escolas de educação básica brasileiras permitiu observar a existência de dois tipos de publicação a respeito do enfrentamento.

O primeiro diz respeito a pesquisas que abordaram experiências de intervenções de enfrentamento ao bullying durante o período escolar com suas respectivas turmas. Neste contexto, a escola, em especial a sala de aula, apareceu como um espaço acolhedor e potencialmente criativo para essas ações realizadas com os estudantes. O segundo, por sua vez, contemplou publicações que analisaram as práticas já utilizadas por comunidades escolares para a intervenção e enfrentamento do bullying entre alunos, em especial a equipe docente, trazendo importantes contribuições a respeito do que está sendo feito e os desafios enfrentados.

O bullying foi uma temática que transversalizou aulas de matemática, língua portuguesa e artes no qual professores a utilizaram para trabalhar conteúdos programáticos em sala de aula.

Em sua prática, Santana e Santos (2002) utilizaram as aulas de estatística na disciplina de matemática como instrumento de enfrentamento ao bullying. Por meio de uma abordagem na perspectiva do ciclo investigativo (Problema-Planejamento-Dados-Análise-Conclusão), um grupo de estudantes dos anos finais do ensino fundamental (9º ano) de uma escola da rede pública estadual de Recife/PE, percebeu que práticas de bullying estavam afetando a assiduidade de seus pares. Diante do problema, o grupo realizou pesquisas e debates sobre o tema culminando na construção de um projeto intitulado “bullying nunca mais” em que desenvolveram uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa com outras turmas sobre o fenômeno.

Os resultados foram apresentados por meio de gráficos, panfletos, diálogos no pátio da escola, apresentação oral e peça teatral. A magnitude do fenômeno encontrada nos resultados da pesquisa levou a necessidade da ampliação das discussões do projeto para toda a comunidade escolar. Para os autores, o protagonismo dos estudantes na realização de projetos interdisciplinares promove o desenvolvimento de valores humanos e críticos e devem ser difundidas como ferramenta de apropriação e conhecimento.

As aulas de artes também foram espaços de enfrentamento ao bullying como mostra o estudo de Gabriel e Martins (2020) que utilizou a disciplina para o aprendizado de novos comportamentos de prevenção/proteção ao fenômeno. Para isso foi realizado um conjunto de intervenções compostos por exercícios teatrais e jogos cênicos, aplicados em duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental I de uma escola municipal no interior de São Paulo.

Primeiramente foram realizadas atividades escritas introdutórias de conhecimentos prévios sobre bullying. Em um segundo momento, foram propostas atividades artísticas que exercitassem as habilidades de resolução positiva de problemas.

Uma delas aconteceu por meio da encenação pautada na leitura previa do livro “Quem é quem no Bullying” em que os estudantes demonstraram como cada participante do bullying se comporta. Aqueles que assistiam aos colegas, intervinham nas cenas de forma a tentarem resolver os problemas sob orientação docente. A intervenção, além de contribuir para a construção de um repertório de conhecimentos sobre o bullying, mostrou que as duas turmas apresentaram, nas suas encenações, a expectativa pela atuação da equipe gestora para acabar com a violência entre os alunos.

A proposta de enfrentamento no artigo de Lima Neto (2022) se deu por meio da construção de curtas metragens sobre o bullying durante as aulas da disciplina de língua portuguesa em duas turmas do 1º e 2º ano do ensino médio da rede pública do município de Recife/PE. No período de dois meses, os alunos desenvolveram um projeto intitulado “cine-antibullying” com a produção de 12 curtas metragens de 5 a 12 minutos abordando a percepção dos estudantes sobre o fenômeno, incluindo suas causas e suas consequências. Os vídeos foram gravados no interior do espaço escolar e expostos à comunidade escolar a fim de sensibilizá-los. Nesta pesquisa ação, o autor aponta, primeiramente, que a base da prática de enfrentamento ao bullying é a cultura da paz e coloca o professor como promotor dessa iniciativa. Aborda também a necessidade contínua de enfrentamento ao bullying por meio do protagonismo dos estudantes na resolução de problemas e compreende o uso da tecnologia como um valioso instrumento de desenvolvimento humano em que os estudantes podem exercitar e expressar seus processos criativos.

Em seus estudos Dantas et al. (2022) também aliaram a tecnologia para promover uma iniciativa de enfrentamento ao bullying através de um projeto de extensão mais amplo denominado “Web Cuidado em Infância e Juventude nas Escolas”. Nele, 20 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II de uma instituição estadual de ensino de um

município do interior do Piauí, se reuniram para participar da transmissão de um programa “Em sintonia com a saúde”, da Web Rádio AJIR (Associação dos Jovens do Irajá) para falar sobre o bullying e a cultura de paz. As apresentações foram precedidas por debates de ideias sobre as temáticas que seriam abordadas no programa e por leituras prévias de materiais sobre o tema.

A transmissão da rádio aconteceu semanalmente, com duração de uma hora, no período de um mês. A proposta, segundo os autores, fugiu das mediações tradicionais, se mostrou um potente meio de troca de saberes, entre usuários e ouvintes e despertou diálogos com interesses de aprendizado associando tecnologias, saúde e educação.

Em seu estudo, Martins et al. (2020) propuseram duas abordagens pedagógicas como meio de operacionalizar a política de prevenção e combate ao bullying na prática escolar, com alunos do Ensino Fundamental I.

A primeira delas foi uma sequência didática (SD) aplicada em alunos de 3º ano cujo objetivo principal era a sensibilização dos alunos para situações de bullying. A SD foi composta por uma história fictícia de uma criança que sofre bullying verbal e social por parte dos colegas da nova turma provocando questionamentos e diálogos entre os estudantes por meio de uma roda de conversa e a construção de um cartaz coletivo sobre a temática. A atividade seguinte consistiu em leituras de livros sobre bullying pela professora, ao final da aula, com duração de dois meses. Essas leituras eram sucedidas por reflexões sobre situações de bullying e estratégias de enfrentamento.

A segunda proposta pedagógica foi por meio do jogo de trilha. O jogo era composto por seis piões, 50 cartas e um tabuleiro com 32 casas que apresentavam seis situações distintas: Desafio, Atitude, Bônus, (Cyber)Bullying e “Bullying não é brincadeira”. As casas do tabuleiro tinham correspondência com as cartas do jogo. Ao cair na casa “Desafio”, o jogador deveria retirar uma carta “Desafio”, na qual continham diferentes perguntas sobre bullying. Ao cair na casa “Atitude”, o jogador era apresentado a um possível cenário de bullying em que deveria identificar o tipo de ato praticado e propor ações de enfrentamento. Na casa “Bônus”, o jogador era bonificado por supostamente ter realizado alguma ação antibullying. Enquanto na casa “(Cyber)Bullying” o jogador era penalizado por, supostamente, ter cometido uma ação violenta. Por fim, ao cair na casa “Bullying não é brincadeira”, todos os participantes envolvidos no jogo deveriam falar a frase que nomeia a casa em voz alta.

O estudo identificou os dois dispositivos de aprendizagem como formas de materialização da política antibullying na prática escolar. Salientam ainda que o uso de

sequências didáticas, jogos, dinâmicas, rodas de conversa, textos, livros literários, entre outros recursos didáticos, são instrumentos (in)materiais possíveis para estabelecer e manter a atuação da política antibullying no contexto escolar.

A escola, por sua vez, também foi espaço de mobilização para o enfrentamento ao bullying, como mostrou o estudo de Tognetta et al. (2019) que verificaram o impacto da implementação de sistemas de apoio entre pares em casos de bullying e outras violências no contexto escolar. O programa de implantação dessa proposta foi desenvolvido em duas escolas do Ensino Fundamental do município de Campinas/SP, que se propuseram a desenhar, coletivamente, um programa de implementação de convivência ética na comunidade educativa.

O programa aconteceu no ano letivo de 2017 e contou com a participação de quarenta professores que passaram por 180 horas de formação e implementaram propostas de trabalho coletivo em suas escolas resultando em importantes modificações nessas instituições como, por exemplo, a organização na grade curricular de um horário para que se pudessem trabalhar aspectos da convivência.

Nesses espaços, os estudantes foram instrumentalizados para poder planejar, organizar e sistematizar meios para uma convivência pacífica. Uma delas foi por meio da implementação de equipes de ajuda, compostas por estudantes escolhidos pelos seus pares. Esses estudantes foram previamente capacitados para ajudar aqueles que precisavam, colocando-se à disposição para acolhê-los, ouvi-los e, de forma assertiva, apoiá-los nas soluções dos problemas apresentados.

Um ano após a implementação, os autores verificaram, por meio de um estudo transversal com 270 estudantes do 6º ao 9º ano das escolas, que propostas de “Ajuda entre Iguais” (Peer Support) “apresenta-se como uma ferramenta de prevenção e combate ao bullying, visto que a ajuda vem exatamente daqueles que assistem ou mesmo participaram de ação violenta anteriormente” (P.410). Segundo os autores, essa estratégia é amplamente difundida internacionalmente e promoveram efeitos positivos ao melhorar a convivência, diminuindo a possibilidades de intimidação.

O diálogo, por meio de rodas de conversa sobre os sentidos do bullying foram intervenções desenvolvidas por Freitas et al. (2019) com três turmas do 3º ano do Ensino Fundamental I de diferentes escolas do Rio de Janeiro/RJ. Os encontros aconteceram semanalmente durante o período de um mês.

As ações fizeram parte de um projeto mais amplo de iniciação à docência intitulado “Aprendendo e crescendo com os conflitos na escola: o respeito ao outro a serviço do

desenvolvimento no ensino” em que promoveram rodas como práticas de diálogo em sala de aula, que contribuíssem para a formação autônoma, moral e ética dos estudantes, incluindo a capacidade de resolver conflitos coletivamente no espaço escolar e fora dele. Temas como racismo, pobreza, democracia, representatividade, feminismo e solidariedade foram algumas das temáticas dialogadas no decorrer do projeto.

No que tange temática sobre bullying, as rodas de conversa iniciaram com um diálogo sobre o assunto, levantando os conhecimentos prévios dos estudantes. Posteriormente foi feito o questionamento “Para você, o que é bullying?” e pedido para que eles escrevessem em uma ficha suas respostas. A leitura de suas concepções culminou no diálogo sobre conceitos de bullying, a partir das experiências vividas na escola, em sala ou no recreio. Depois, foi feita a leitura do texto “Bullying: brincadeiras que ferem” com um novo processo de problematização que não terminou numa única roda, mas perdurou por um mês de forma semanal. Nos encontros ocorreram leituras de texto jornalístico sobre bullying, debates e reflexões.

Como resultado do projeto, os autores citam o desenvolvimento da independência, por parte dos estudantes, em relação à reflexividade dos próprios conflitos, buscando auxílio de um adulto somente quando necessário; a busca pelo diálogo diante de um eventual conflito e a gradual compreensão dos limites e das possibilidades das próprias ações. Diante disto, os autores entendem que o diálogo deve ser entendido como uma prática pedagógica sensível à realidade escolar e a que a criança é sujeito ativo no processo de dialogicidade e reflexão sobre o mundo.

Em sua proposta, Lobo e Aguiar (2022) relataram a experiência de enfrentamento ao bullying em uma escola do Ensino Médio localizada na cidade do Recife em tempos de pandemia. A intervenção ocorreu como uma proposta de letramento, por meio de uma roda de diálogo on-line em um evento anual, organizado pela escola, sobre o Dia Mundial do Bullying dos quais participaram estudantes, pais, comunidade escolar e professores de outras instituições interessados na temática.

A proposta de uma roda de diálogos se deu pelo caráter democrático que ela possui e contemplou temáticas como isolamento em tempos de pandemia, arte e sua relação na resignificação das relações sociais em tempos de isolamento social, a leitura enquanto ato de fruição, a minimização da ansiedade e medos através da leitura de textos literários, a escrita como via de expressão dos sentimentos e seu papel no processo de autoconhecimento e construção de valores. Estes temas dialogaram com a temática do bullying, na intenção de estimular o autoconhecimento - através da expressão de

sentimentos, ideias e valores - como ferramenta para minimizar os impactos do fenômeno, além do adoecimento emocional que o período de pandemia trouxe para muitos.

Os dispositivos internos para superação do bullying também foram tema da publicação de Francisco e Coimbra (2019). Nele os autores abordam a relação da resiliência por meio das artes no enfrentamento do bullying. O estudo, composto por entrevistas com 6 estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, vítimas de bullying, mostraram que os adolescentes encontraram no lazer e nas atividades físicas, bem como no contato com a música, literatura e outras manifestações artísticas suporte para o enfrentamento ao bullying, valorizando-os e encorajando-os a superarem estas adversidades experienciadas por meio da resiliência.

Os autores entendem, entretanto, que esse enfrentamento é pontual, uma vez que os estudantes continuam centrados no modelo de organização social que produz o fenômeno, compreendido pelos autores como “um produto das relações capitalistas de produção (...) expresso na perseguição e intimidação daqueles que não se ajustam aos padrões culturais de corpo, modos de ser e agir criados e difundidos pela burguesia, a serviço da manutenção das relações sociais”. (p.147).

Já a pesquisa experimental realizada por Bottan et al. (2020) envolvendo 1043 alunos do Ensino Fundamental II a fim de verificar os efeitos de uma intervenção breve (com duração de dois encontros), com a proposta antibullying em grupos de intervenção e controle, mostrou que o modelo de intervenção proposto não indicou efeitos significativos, ainda que a abordagem tenha se mostrado positiva, uma vez que oportunizou esclarecimentos e discussão sobre bullying.

Os pesquisadores sugerem que o bullying demanda ações interdisciplinares, multiprofissionais e intersetoriais mais amplas do que a utilizada no estudo e salientam a necessidade de formação para professores, gestores e profissionais da saúde, para a identificação precoce da violência sistemática entre alunos e, por consequência, o desenvolvimento de intervenções ao longo do tempo no ambiente escolar.

A atuação da equipe docente, bem como os processos formativos de professores e gestores, também transversalizaram estudos cujo objetivo foi conhecer as formas atuação docente diante do bullying entre estudantes nas escolas de ensino básico, levantando importantes desafios e caminhos possíveis.

Os estudos de Amaral e Digiovanni (2022) sobre a compreensão e a atuação de cinco professoras em casos de bullying entre estudantes na rede pública de ensino em um município no interior do Paraná mostrou que a limitação sobre a compreensão do

fenômeno impactou nas suas práticas de enfrentamento uma vez que variaram conforme suas condições históricas individuais de formação e vida privada.

Durante as entrevistas, as intervenções mencionadas pelas participantes contemplaram abordagem individual e coletiva proibitivas, o uso de apostilas disponíveis em site governamental e a orientação para a prática de meditação – intervenções com poucos efeitos positivos no cotidiano escolar, segundo as mesmas. Neste sentido, a práxis coletiva em conjunto às comunidades, não apenas escolares, foi apontada pelos autores, como proposta para um debate profundo sobre violência, relações desiguais de poder e como superá-las (AMARAL & DIGIOVANNI, 2022).

Em seus estudos, Lima et.al (2020) investigaram a atuação, em casos de bullying, de 20 professoras de 4 escolas do ensino fundamental I de um município do interior de São Paulo por meio de questionários e entrevistas. Os resultados mostraram que a maioria das participantes identificaram situações de bullying em sua práxis pedagógica ou na instituição escolar. Contudo, apenas três delas relataram ter desenvolvido alguma intervenção de enfrentamento. A falta de formação e apoio da gestão escolar foram motivos citados por aquelas que não realizaram intervenções.

Na publicação sobre medidas restaurativas como enfrentamento ao bullying, Pereira (2022) analisou as concepções de direitos humanos e justiça por meio de entrevistas com 17 professores da rede pública paulista, a fim de compreender em que medida elas contribuem na resolução dos conflitos no espaço escolar. A autora constatou que os docentes não conseguiram identificar vivências de violência, injustiças e bullying, exceto quando extrapolaram aquilo que consideravam costumeiro o que, por consequência, influenciou nas suas respostas às práticas de bullying no cotidiano escolar.

Diante do exposto a pesquisadora propõe a utilização de medidas restaurativas - por meio da mediação de conflitos - como via de enfrentamento à violência entre alunos. A autora entende que a formação de mediadores de conflitos precisa contemplar os diversos atores sociais da comunidade escolar como alunos, professores e gestores e sugere a produção de materiais didáticos gratuitos, outorgando autonomia para que as escolas decidam suas próprias maneiras de utilizar a mediação de conflitos em casos de bullying. Esta proposta foi inspirada em iniciativas positivas, realizadas na região da Catalunha, na Espanha (PEREIRA,2022).

Em seus estudos, Ribeiro e Caliman (2019) propuseram a aplicação dos princípios e metodologias inspiradas na Pedagogia Social em casos de bullying virtuais (cyberbullying) envolvendo estudantes de escolas públicas do nível fundamental do

município de Palmas/TO. Por meio de observação indireta, análise documental e entrevistas envolvendo 45 participantes, entre estudantes, professores, supervisores pedagógicos e gestores das escolas, os autores verificaram que a prática do cyberbullying é uma realidade nas escolas visitadas e que abordagens de controle, mediante imposição de regras e restrições ao uso internet na unidade escolar, com anuência dos pais, não impediram as práticas de violência entre pares no ambiente virtual.

Os autores entendem a importância de uma formação humanizadora dos profissionais que atuam nestas escolas para que consigam identificar, mediar e atender às questões conflituosas que envolvem os estudantes na internet. Defendem, também, a aproximação docente aos preceitos da pedagogia social. Mencionam o entendimento de Paulo Freire (1996) ao defender que profissionais da educação, inspirados na pedagogia social, possuem uma escuta atenta e comprometida com o outro, baseada no respeito aos seus valores e aos conhecimentos, sem qualquer forma de discriminação. (CALIMAN, 2015). Em seu artigo Mezzalira et al. (2121) relatam experiências das atividades práticas de um projeto extensionista realizado em uma escola Estadual de Ensino Fundamental em Manaus (AM), com o objetivo problematizar o bullying na escola em oficinas promovidas para a equipe docente. Por meio de quatro oficinas sobre a concepção do bullying, atualização científica, meios de combate e construções coletivas de enfrentamento ao bullying, os autores identificaram o desmerecimento e a invisibilidade do fenômeno quando os casos eram identificados na escola. As ações de enfrentamento ao bullying eram dirigidas aos envolvidos e as intervenções eram pautadas em regras proibitivas e punitivas, inclusive levando a judicialização do processo educativo.

As oficinas auxiliaram a equipe a problematizar questões como perseguições constantes e repetitivas e refletir sobre os efeitos da banalização e da naturalização dos comportamentos violentos na escola. Os autores abordaram a necessidade do debate sobre o bullying e apontam o psicólogo escolar como profissional capaz de envolver alunos, educadores e família neste processo. Mencionam a necessidade de trazer a problemática para o coletivo uma vez que a culpabilização dos autores da violência como os únicos responsáveis pelos episódios de bullying é ineficaz.

Na pesquisa realizada por Martins et al. (2020) sobre as práticas de bullying, como elas se apresentam e estratégias de enfrentamento e prevenção em uma escola de Ensino Fundamental do Rio de Janeiro os autores reuniram a comunidade escolar para compreender as características do fenômeno. Para isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas aplicação de questionários. O primeiro foi utilizado para compreender

as percepções, crenças e ações dos profissionais que atuam na escola - professoras, assistentes administrativos em educação, assistentes de alunos, diretora e orientadora educacional. Já o segundo foi escolhido para compreender as percepções dos responsáveis pelos estudantes sobre a temática.

Nas entrevistas percebeu-se que o diálogo pela construção da empatia foi considerado melhor ferramenta de enfrentamento entre os participantes, seguida pelas intervenções em sala de aula e demais espaços escolares sobre a valorização e respeito às diferenças, bem como o combate ao preconceito. A parceria entre escola e família para lidar com as situações de bullying que surgem no cotidiano escolar foi citada como necessária pelos profissionais.

Observou-se que, na ausência de resolução pelo diálogo ou dependendo da gravidade da situação, os participantes intervinham por meio do encaminhamento do caso para a equipe gestora da escola (orientação ou direção). Contudo os autores perceberam que as ações de enfrentamento ao bullying citadas pelos entrevistados ocorreram somente quando ele já estava instalado, de maneira isolada, não havendo uma prática de prevenção permanente específica na escola. Todos os entrevistados mencionaram que o enfrentamento ao bullying demanda envolver a comunidade escolar com um todo, mas colocaram a figura do professor a frente dessas iniciativas, seguido pela equipe pedagógica.

Já os questionários revelaram que as famílias reconheciam que a escola desenvolvia atividades de prevenção e enfrentamento ao bullying tanto por meio de atividades em sala de aula como demais espaço por meio de reuniões e palestras. Abordaram a importância da formação de profissional e da aproximação entre professores e equipe pedagógica nas ações de prevenção e enfrentamento. Por fim os autores apontam para a necessidade de uma sistematização de atividades de prevenção e enfrentamento ao bullying que envolva toda a comunidade escolar.

Dos 31 artigos que apresentaram outras temáticas sobre o bullying entre estudantes no ensino básico e que abordaram propostas de intervenção e enfrentamento de forma pontual nas suas discussões e considerações finais o fizeram em linhas mais gerais, por vezes atreladas às suas próprias temáticas.

O estabelecimento de políticas públicas voltadas ao combate ao bullying, ao preconceito, à discriminação, a LGBTQIA+fobia e a gordofobia foram citadas como necessárias nas escolas. Ações que promovam o respeito às diferenças, as discussões sobre gênero e sexualidade, a promoção de ambientes saudáveis e a inclusão de grupos minoritário, a

educação emancipatória, o desenvolvimento humano e a cultura de paz também foram mencionadas como possibilidade de enfrentamento. O fortalecimento de dispositivos internos como o empoderamento, a capacidade de resiliência, além de valores morais e alto capital social foram citados como elementos protetivos em casos de bullying

A intersetorialidade, o fortalecimento de vínculos entre o família-jovem-escola, o envolvimento de alunos, pais e/ou responsáveis, profissionais de educação e da saúde em iniciativas de combate ao bullying, foram mencionados indicando que o enfrentamento demanda a corresponsabilização dos mais diversos atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying entre estudantes é um fenômeno que atravessa gerações. Olhando para trás, a maioria de nós, enquanto crianças e adolescentes, vivemos ou presenciamos situações de violência sistemática na escola que, de alguma forma, nos transformaram para sempre. Quem teríamos sido se alguma intervenção de enfrentamento tivesse sido feita? Não temos como saber, mas certamente sairíamos da situação mais fortalecidos, mais confiantes, mais empoderados.

De alguma forma, pesquisar sobre enfrentamento ao bullying é revisitar um passado distante em que eu fui vítima de bullying quando pequena. Cada proposta de enfrentamento analisada na pesquisa foi um momento de reflexão e projeção sobre seus efeitos. E eu acredito que as iniciativas encontradas, por meio da pesquisa, tiveram os seus efeitos.

Ainda assim, é preciso salientar que o bullying entre estudantes envolvem questões mais amplas, uma vez que é uma expressão do preconceito e discriminação reproduzidos na escola, sendo um sintoma da violência social dentro desse espaço.

Partindo deste contexto, a pesquisa mostrou que as propostas de enfrentamento ainda são incipientes, isoladas e pontuais – em que o tema dialoga com conteúdos programáticos, com tempo definido e com abrangência local, sob responsabilidade docente. As publicações não mencionam a existência de programas governamentais ou escolares mais amplos, com periodicidade que amparem e direcionem ações de enfrentamento ao bullying entre estudantes nas escolas.

Por outro lado, o estudo também mostrou que as iniciativas propostas, ainda que isoladas, foram bem recebidas pelos estudantes ao trazer para a sala de aula e para a escola o diálogo e a reflexão sobre a temática. O protagonismo dos estudantes nas intervenções

relatadas indica que a transformação da realidade é uma implicação de todos os envolvidos.

Por outro lado, a pesquisa mostrou, também, a necessidade de formação docente para intervir em situações tão delicadas como o bullying .O desamparo da equipe docente pela falta

de formação se reflete em omissões e em práticas pouco resolutivas pautadas em ideias pessoais e proibitivas, se mostrando como desafios a serem superados.

Para finalizar é preciso compreender bullying entre estudantes como um fenômeno derivado do preconceito, da discriminação, da intolerância às diferenças, da necessidade de poder sobre o outro e das demais mazelas sociais que atravessam os muros escolares por meio da violência. Por consequência, seu enfrentamento e superação também demandam uma transformação social na medida em que a valorização e o exercício de valores humanos como empatia, compaixão, respeito e solidariedade dentro de uma sociedade repercutem no cotidiano escolar.

Mesmo que utópica a ideia de uma transformação social que impacte na vida das crianças em idade escolar, é possível acreditar que as intervenções de enfrentamento nas escolas geram efeitos que ressonam na sociedade por meio daqueles que foram sensibilizados pela temática. Ainda que tenhamos um longo caminho pela frente, cada pessoa sensibilizada e implicada no enfrentamento ao bullying, cada vida ou cada realidade transformada pelas intervenções antibullying que ocorrem no contexto escolar é um novo futuro que passa a existir.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, V. F.; DIGIOVANNI, A. M. P. Compreensão e atuação de professoras em situações de bullying e violência no ambiente escolar. *Revista de Educação PUC-Campinas*, [S. l.], v. 27, p. 1–15, 2022. DOI: 10.24220/2318-0870v27e2022a5441. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5441>. Acesso em: 28 maio. 2023.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science Forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-12,2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.dr.2006.08.002> 2007.
- BOTTAN G, VIZINI S, ALVES P.F.O, GUIMARÃES L.S.P, NASCIMENTO B.P, RIGATTI R, HELDT E. Intervenção breve antibullying para adolescentes em escolas

- públicas. *Revista Gaúcha Enfermagem* 2020; DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190336>.
- BRASIL. Lei n.º 13.185/2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática – Bullying. Disponível em: . Acesso em: 19 abr. 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- BRASIL. Presidência da República. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: Casa Civil Subchefia para assuntos jurídicos, 2015. DOI http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm Acesso em: 26 abr. 2023
- BRASIL. Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm>. Acesso em: 19 de set. 2022.
- CALIMAN, G. Pedagogia social, relações humanas e educação. In: MAFRA, J. F.; BATISTA, J.C.F.; BAPTISTA, A.M.H. Educação básica: concepções e práticas. São Paulo: BT Acadêmica. 2015. p. 187-203.
- CAMACHO, L.M.Y. Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. Tese de doutorado, 2000. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- COLL, C. MARCHESI, A. e PALACIUS, J. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre, Artes médicas, 2004.
- CONSTANTINI, A. Bullying: Como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. (E. V. de Moraes, Trad). São Paulo: Itália Nova editora, 2004.
- CRUZ, F. M. L.; SANTOS, M. de F. de S. A relação família-escola: fronteiras e possibilidades. *Revista de Educação Pública*, v. 17, n. 35, p. 443-454, 2012. DOI <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/500> Acesso em: 28 abr. 2023.
- DANTAS, E. de O. M.; CORREIA, V. G. A.; OLIVEIRA, M. R. de; TORRES, R. A. M. Dialogando sobre cultura de paz e bullying por meio de uma web rádio com alunos de escolas públicas de Picos, Piauí. *Revista Em Extensão*, v. 17, n. 2, p. 212–221, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/43229>. Acesso em: 7 jun. 2023.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus Editora, 2005.

FORTES, F; N STEINBERG, V E BRENNECKE, N.B.P Kit Gay e Ideologia de Gênero: Como a Desinformação Propagada por Bolsonaro Fere as Políticas Públicas Educacionais Voltadas para as Questões de Gênero e Diversidade Sexual. Revista Pluri Discente, 27- 42, v. 1, n. 4, 2022.

FRANCISCO, M.V; COIMBRA, R.M. Bullying escolar e os processos de resiliência em - si sob a ótica da teoria histórico-cultural. ETD- Educação Temática Digital Campinas SP v.21 n.1 p.145-163, 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v21n1/1676-2592-etd-21-01-145.pdf>

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M.O; BORGES, L.P.C; CARVALHO, J.T. Os sentidos de bullying nas vozes das crianças do ensino fundamental: aprendendo e crescendo com os conflitos na escola. e-Mosaicos, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 176-188, set. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/42284>. Acesso em: 07 jun. 2023.

GABRIEL G.J & MARTINS R.A contribuições do ensino de arte para prevenção da violência bullying. Colloquium Humanarum, v. 17, p.1-12 jan/dez 2020. DOI: <http://journal.unoeste.br/index.php/ch>

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

LIBERAL, E.F., AIRES, R.T., AIRES, M. & OSÓRIO, A.C. Escola segura. Jornal de Pediatria, 155-163, 2005.

LIMA NETO, W. C. Cine-antibullying: uma estratégia de enfrentamento ao bullying Escolar. Revista Espaço Acadêmico, v. 22, n. 234, p. 154-164, 2022.

LIMA, D., PEREIRA, R., & FRANCISCO, M. As percepções e a atuação de professoras do ensino fundamental I diante do bullying escolar. EccoS – Revista Científica, 2020.

LISBOA C. S. M. Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LISBOA, C.; BRAGA, L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção.

Contextos Clínicos, vol. 2, n. 1, 2009.

LOBO, P. K. DA S.; AGUIAR, W. J. DE. Roda de diálogo on-line enquanto ferramenta de incentivo à leitura e à escrita como formas de prevenção ao bullying. Revista Espaço Acadêmico, v. 22, n. 234, p. 145-153, 1 maio 2022.

MARTINS, A.C.H.F. da S. MIRANDA, E.; FRIAS, D.M LIMA, L.P. Processos de tradução da política de prevenção ao bullying na prática escolar. e-Mosaicos, [S.l.], v. 9, n. 20, p. 03-18, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/42098>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MARTINS, A.C.H.F da S; BARREIROS, C.H. Percepções da equipe técnica escolar e das famílias dos educandos numa escola de referência do rio de janeiro sobre bullying e o papel da orientação educacional. e-Mosaicos, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 160-175, 2019.

Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/43436>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MARTINS, J. G. B. A.; FIGUEIREDO, L. S.; ARAGÃO, J. A.; SANTOS, L. G.; SOUSA, E. A. de. Sexualidades e bullying homofóbico na escola. REVISTA INTERSABERES, [S. l.], v. 14, n. 32, p. 445–472, 2019. Disponível em:

<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1594>.

Acesso em: 7 jun. 2023.

MEZZALIRA. A.S. da C; FERNANDES T.G, SANTOS C.M.L. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. Psicologia Escolar e Educacional. V.25, 2021.

MIGUEL, L.F. Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil. Autêntica, 2022.

MONTEIRO M.P.G; ASINELLI-LUZ, A. Diálogos sobre o bullying escolar e o desenvolvimento humano. Educação por escrito, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 1-13, jan.-jun. 2020

NETO , A.A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. 164 – 172, 2005.

NETO, A. L e SAAVEDRA, L H. Diga NÃO para o Bullying. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes, Rio de Janeiro, Abrapia. 2003

OLWEUS, D. Conductas de acoso y amenaza entre escolares. 3. ed. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

- PEREIRA, A. C. R. A mediação de conflitos como alternativa para prevenção e enfrentamento do bullying e da violência no contexto escolar. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 22, n. 234, p. 112-123, 1 maio 2022.
- RIBEIRO, N., & CALIMAN, G. Enfrentamento do cyberbullying nas escolas inspirado nos princípios e metodologias da Pedagogia Social. *EccoS – Revista Científica*, 0(48), 115-132, 2019.
- SANTANA, A. M. DE; SANTOS, M. W. DA S. A Educação Estatística nas aulas de Matemática como ferramenta de enfrentamento ao bullying. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 22, n. 234, p. 124-132, 1 maio 2022.
- SEIXAS, S. R. Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e ou vítimas. *Análise psicológica*, v. 23, n. 2, p. 97-110, 2005. Disponível em: <https://repositorio.observatoriodocuidado.fiocruz.br/bitstream/handle/handle/435/ap.S0870-82312005000200003.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 24.05.2023.
- SENA, K.; LUVIZOTTO, C. K., 2019. Desinformação e Contra-Narrativas no período pré-eleitoral: uma análise do fact-checking nas campanhas para Presidência do Brasil em 2018. *Compólitica 2019. Anais [...]*. Brasília: Universidade de Brasília. <https://bit.ly/3wV0gqI>
- SOUZA, V.S. da S; GONÇALVES, J.P. Gordofobia, bullying e violência na escola: um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 60, p. 1-19, e18893, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.18893>
- TOGNETTA, L. R. P.; SOUZA, R. A. de; LAPA, L. Z. A implantação das equipes de ajuda como estratégia para a superação do bullying escolar. *Revista de Educação PUC-Campinas*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 397–410, 2019. DOI: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/4506>. Acesso em: 26 maio. 2023.
- ZANELLO, V.; RICHWIN, I. F.; SALLORENZO, L. Psicopolítica gendrada das emoções no governo Bolsonaro: Memes e masculinidade hegemônica. *PLURAL - Revista de Psicologia UNESP Bauru*, [S. l.], v. 1, p. e022003, 2023. DOI: 10.59099/prpub.2022.17. Disponível em: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/17>. Acesso em: 11 jun. 2023.